

À MEIA NOITE TODOS SÃO PARDOS

Texto de Ney Lopes

Roteiro de direção: José Facury Heluy

O CENÁRIO É UM ESCRITÓRIO MISTURADO COM UMA PEQUENA BANCADA DE CARPINTARIA, UM RELÓGIO ANTIGO COLOCADO AO CENTRO BADALA INSISTENTEMENTE. EM UM DOS LADOS UMA CADEIRA DE BALANÇO EM FRENTE A UM ESPelho QUEBRADO. DO OUTRO LADO UMA ESCRIVANINHA COM UM CANDELABRO DE 7 VELAS APAGADO. TEIXEIRA ESCREVE E SAI PARA TALHAR UMA PLACA DE MADEIRA, COMPLETANDO A ALMOFADA DE UMA PORTA A SER MONTADA EM UMA ADUELA ARMADA EM FRENTE À PLATÉIA. CHEGANDO COM A PRIMEIRA ALMOFADA TALHADA.

T- Pompas...veludos...circunstâncias... (APRECIANDO A TALHA) Não há nada mais ilusório que imortalidade! (ENCAIXA A ALMOFADA NA ADUELA) E nada mais delirante... (INDO ATÉ A ESCRIVANINHA, PEGA A CANETA E MOLHA-A NO TINTEIRO, APRECIANDO OS PINGOS) Nesse delírio, as mais absurdas mentiras, que lisonjeiam a nossa paixão, têm em nossa inteligência o critério da verdade. (PEGANDO O PAPEL) Então sonhamos acordados com a suprema felicidade, cuja existência é só em nossa escaldada imaginação.

(COMEÇA A ESCREVER ENTRA. UM PLAY BACK DA SUA VOZ)

PB- Nasci numa pequena vila pouco distante do Rio de Janeiro. Meus pais tinham com que passar sofrivelmente a vida. Mas não cuidaram da minha educação. Apenas mandaram-me ensinar a ler. E isto bem mal. O dia 24 de março de 1825 foi uma Quinta feira. Esse dia está escrito indelevelmente nos anais de minha vida! Nesse dia, recebi de uma irmã, que não deveria tornar a ver, o derradeiro ósculo fraternal. Tinha eu treze anos, quando deixei a minha família e aqueles campos onde brinquei os primeiros brincos da minha infância. Permiti que, de passagem, note o quanto o mês de março me deve ser caro: cinco anos depois, desenganado de uma queixa de peito, mandaram os médicos que me trataram, retirar-me para minha vila. Embarquei-me no Rio de Janeiro no dia 21 de março. E cheguei à minha Cabo Frio no dia 24 do mesmo mês! Março, quantos marcos marcastes!

(TEIXEIRA OLHA O QUE ESCREVEU, NÃO GOSTA, RASGA O PAPEL, JOGA-O NO CHÃO E LEVANTA-SE, VAI ATÉ A BANCADA E PEGA UMA TÁBUA DE CEDRO A SER TALHADA)

T- Se me perguntardes se sonhei com glória, eu vos responderei, veemente e efusivamente, que...sim. Mas foi por vós meus conterrâneos, que a glória foi cara ao meu coração. (COM A GOIVA DANDO RASGOS NO CEDRO) Afrontando as lanças, e inimigas elas, abri a meu nome um caminho até o tempo da glória, para adquirir uma reputação, uma fama, e para um dia este nome (TALHANDO MAIS FORTE) esta glória, esta reputação e (AINDA MAIS FORTE E DE FORMA ENLOUQUECIDA) esta fama vos pertencessem, (APRECIANDO OS CORTE NA MADEIRA) como propriedades minhas (ABRAÇA O CEDRO) e dignas de vós! (VAI ATÉ A ADUELA FRONTAL E ENCAIXA A SEGUNDA TÁBUA) Aplausos! (OLHANDO A PLATÉIA, INCITANDO-A) Vamos, aplaudam. Isso! Eis a obra, eis o criador. Louros para mim mais brilhantes que ensanguentados louros de sanguinolenta vitória ganha após as feridas batalhas. Quando enfim, no silencio após a vitória, rolou junto de mim o trovão da perfídia, e vitima de seu raio sucumbi em sombras de morte. Mas busquei a glória sem descurar da virtude. (VAI ATÉ A ESCRIVANINHA E PEGA UM CRUCIFIXO) Não há, nesse mundo, mais que dois títulos, dois caminhos, duas reputações senão a virtude (MOSTRA O CRUCIFIXO) e o vício (VAI ATÉ AO RELÓGIO) Então o que resta são quimeras, pomposas palavras, belas idealidades. (PEGA UM POUCO DE PÓ DE SERRA DA BANCADA) Tudo muito frágil! Vago fumo! (SOLTA O PÓ COMO UMA AMPULHETA) Monte de cinzas, que os sopros dos ventos dispersam! (ASSOPRANDO O PÓ DO CHÃO) Melhor que a vida é a honra e a glória! (LIMPANDO AS MÃOS UMA NA OUTRA)... É-nos proibido tirarmos a vida a nós próprios. (GESTUAL DA IRMANDADE DAS MÃOS) Também o é tirarmos a dos nossos inimigos.

(TEIXEIRA VAI ATÉ A ESCRIVANINHA, MOLHA A CANETA NO TINTEIRO E RECOMEÇA A ESCREVER, ENTRA A SUA VOZ EM PLAY BACK)

PB- Muito mais que a glória, o que busquei, quando escrevi, foi servir ao vosso refinado paladar as modestas iguarias do meu preparo. Escrevo para aguardar-vos. Acrescento aos meus escritos o quanto posso de moral, para que eles vos sejam úteis. Junto-lhes as belezas da literatura, para que vos deleitem. Não corrijo estes meus escritos, porque essa honra vós lhe fareis! Onde me julgardes muito conciso, estudai-me. E então compreendereis mais do que digo e até do que não digo. Mas onde me virdes muito difuso, crede que há muito mais do que eu digo. Entendei-me e serei feliz! Meus escritos são meras cópias, sem análises profundas, sem interpretações científicas, do que aprendi com a vida. E com a humanidade.

(LEVANTA-SE DA ESCRIVANINHA, OLHANDO OS PAPEIS ESCRITOS E SOLTA-OS, OLHANDO-OS)

T- A nossa vida é um composto de desordens seguidas por mais uma nova (ABAIXA-SE COM DIFICULDADE COMEÇANDO A CATÁ-LOS ORDENADAMENTE, OBSERVANDO OS

ESCRITOS) ordem de eventualidades felizes (**PARANDO EM UMA FOLHA**), ou desgraçadas. (**MISTURANDO TODAS AS FOLHAS**) Não há, porém, uma eventualidade feliz que possa ser o cúmulo da suprema da felicidade. Mas pode haver uma eventualidade desgraçada que venha a ser o derradeiro abismo da extrema desgraça. (**ARRUMA AS FOLHAS NA ESCRIVANINHA E PEGA UM LIVRO GROSSO**) A humanidade é um imenso livro. Cada homem é um capítulo dele, e cada acontecimento do homem forma uma lição desse grande livro! E não há lições iguais. Querem ver, por exemplo: nesse livro estão contidas todos os escritos sobre vocês que estão aqui nesse teatro. Só cada um de vocês sabe dos acontecimentos destes capítulos. A arte do escrever do escribeza apenas embeleza a felicidade ou dramatiza a tragédia: tirando da vida o estilo, a estética, a arte. Em tudo se aprende e em tudo se ensina. (**FECHANDO O LIVRO, ENCAMINHA-SE Á BEIRA DO PALCO**) Mas o que teria movido a pena dos meus detratores? (**DESCE À PLATEIA E DIRIGE-SE A UM ESPECTADOR**) Voltemos ao seu passado. Nesse passado, procuremos origens dos acontecimentos. Se as encontrarmos, consultemos os erros e vemos até onde eles se estenderam e a que crime eles descambararam. (**PARA TODA A PLATÉIA**) Eu vos afianço que, feito um tal exame, seremos justos (**PARA OUTRO ESPECTADOR**) E você... Gratidão... Ingratidão... Como é misterioso o coração dos homens, sabemos dos possíveis danos e de onde ele virá e continuamos abertos a recebê-los, apenas por gostarmos de onde o mal vem, não? Não é isso? (**PARA TODOS**) Apesar de abrirmos deliberadamente a guarda, vem o desejo de vingança, este sentimento de ódio são os nossos pensamentos do dia... e os nossos sonhos da noite! (**PARA OUTRO ESPECTADOR**) E a gratidão? Você recebeu um benefício, e por ele gozou a felicidade. Procurou no primeiro momento conhecer o benfeitor desconhecido e depois você nem se lembrou que houve uma caridosa mão a ajudá-lo, não? Não adianta negar, todos assim o somos. (**PARA TODOS, IRONICAMENTE**) É como dizia um ilustre colega, muitos anos depois de mim: "Muita saúva e pouca saúde os males do Brasil são" (**SORRI RETORNA AO PALCO E AMPLIA O DISCURSO**) Em uma nação, é da moralidade individual que resulta a moralidade nacional.

(EM CENA VAI ATÉ A BANCADA)

T- Eu decididamente não sou um entalhador, nem mesmo um carpinteiro. Bom seria se eu pudesse completar essa porta com a talha da minha pena na fina folha de madeira feito papel e transformar essa porta em uma obra de arte. Mas qual, eu estaria quebrando a minha moralidade individual e corrompendo o artesão que não sou. Então, talho só para que eu mesmo aprecie a minha mediocridade nesse feito. Talvez eu morra sem ter acabado de completá-la. (**DESPREZA A BANCADA E VAI ATÉ A ESTANTE**) Um povo houve- creio que ateniense- que, punindo com pouca severidade o que abusava de uma mulher por meio da força, punia severamente o que a seduzia, tanto seu legislador conheceu o poder dessa arma tão formidável que é a sedução. (**IRRITADO**) Entre nós, olha-se para o sedutor sem a menor repugnância, ao passo que se olha

para sua vitima com desprezo. E essa metáfora se generaliza em todos os campos. E, alem disso – vós que viveis, hoje, o primado da comunicação, sabeis melhor que eu – muitas vezes quem tem o poder e a obrigação de levar a verdade ás mais longas distancias, só leva a mentira. E mente por conveniência. O que em um tempo, em um estado, pode ser crime, noutros pode ser virtude. (VAI ATÉ O ESPELHO) Quando eu vós disser uma verdade, que não devia ser ouvida, vós tendes o direito de chamar-me inconsiderado. (VOLTA-SE Á PLATÉIA) Mas quando vós me dizeis uma mentira necessária, eu vos chamarei prudente.

(VOLTA-SE AO ESPELHO E SENTA-SE NA CADEIRA DE BALANÇO)

T- Mas confesso que estou cansado...As lidas da consorte, os incômodos da família, os trabalhos que dão os filhos...Que mudança! (MELANCÓLICO, OLHA-SE NO ESPELHO PASSANDO AS MÃOS PELOS CABELOS) Um maço de derrotados e brancos cabelos, onde vigoravam negros e vigorosos fios. (PASSANDO AS MÃOS PELO ROSTO) Uma face rugosa e pálida, duas escalavradas gengivas, que outrora sustinham duas ordens de bem ordenados e alvos dentes! Dois olhos encovados e amortecidos, onde brilhavam dois sóis! São finalmente as ruínas, os despojos do tempo. (REAGINDO. LEVANTA-SE) Mas ninguém vai me matar pelo esquecimento! É preciso que eu morra? (DERRUBANDO A CADEIRA DE BALANÇO, CHUTANDO-A) Pois bem, morra este corpo que depois de morto, nada mais sentirá! (AFASTA-SE DA CADEIRA ATÉ A ESTANTE) Mas a minha obra e a minha memória, que são a minha alma, permiti que eu as salve, para não penar para sempre nas chamas do inferno. (AJOELHA-SE, ABRAÇANDO-SE AOS TRÊS LIVROS RETIRADOS DA ESTANTE) Ah! Se ao menos houvesse aqui quem me ouvisse em confissão, e em nome de Deus e dos homens me absolvesse...Ah! Então eu morreria, e morreria contente!

(COM MEDO, AINDA AGARRADO AOS LIVROS CAMBALEIA ATÉ A ESCRIVANINHA DEPOSITANDO OS LIVROS, ABRE UMA GAVETA E TIRA UMA GARRAFA E UM CÁLICE, BRINDANDO À PLATÉIA)

T- À minha alma, às de Lima Barreto, B. Lopes e Quincas Berro D' água! (TOMA UM GOLE) Saúde! Engraçado é que eu, sempre circunspecto e reservado, hoje abri meu coração. Também, tantos anos passados eu tinha que mudar um pouco. A mudança é o primeiro e principal timbre da humanidade. Hoje tu não és o homem de ontem. (BEBE OUTRO GOLE) Os laços, então, já formados e indissolúveis, tornam-se de um peso insuportável: sofrê-los, é fastio; desatá-los é desonra (TENTA BEBER UM ÚLTIMO GOLE E DESISTE JOGANDO O RESTO DA BEBIDA NO CHÃO) Acho que já me excedi um pouco e... (NO RELÓGIO SOA DOZE BADALADAS) Meia noite?! Ih! (PERFORMÁTICO, MEIO DELIRANTE) Nessa hora o inferno borbolota demônios sobre a terra! Ao través das sombras da meia noite, passeiam fantasmas e divagam larvas. (ACENDE AS

VELAS DO CANDELABRO) Almas penitentes, que pagam pecados na terra, condenadas a fadários de alguns anos, nessa hora tremenda a errar em seus cemitérios, ululando em torno de sepulcros que encerram cinzas que haviam animado! **(COM O CANDELABRO ATÉ A ESTANTE)** Diziam os nossos antigos que essas almas não podiam entrar no céu, porque por alguns anos as valia a misericórdia divina. Mas se, em cem ou duzentos anos, segundo era o tempo do fadário, não faziam essa restituição, eram condenadas sem remédio. **(APROXIMANDO-SE DO ESPELHO COM O CANDELABRO Á FREnte)** E é por isso que, a qualquer alma penitente, sempre acompanha um demônio, causando medo àquele com quem a alma quer falar.

(TEIXEIRA SAI CAMINHANDO LENTAMENTE COM O CANDELABRO ATÉ A ESCRIVANINHA, AJEITANDO O PAPEL PARA ESCREVER, COMENTA)

T- De mim, nada digo a tal respeito, mas conto o que tenho ouvido

(VOLTANDO A ESCREVER, ENTRA A SUA VOZ GRAVE E SOTURNA EM PLAY BACK)

PB- A meia noite é a hora das almas penitentes e dos demônios. Os feiticeiros também prezam essa hora para seus encantamentos. **(APAGA COM O DEDO A PRIMEIRA VELA DO CANDELABRO)** Os lobisomens deixam nessa hora a forma humana e a tomam de qualquer animal irracional, e vão farejando por imundos monturos. **(APAGA A SEGUNDA VELA)** As bruxas, nas formas que querem, transportam-se de um pólo do mundo a outro em cinco minutos! **(APAGA A TERCEIRA VELA)** Os anhangás, ou almas dos indígenas pagãos, apavoram os bosques! E alguma indígena encantada, como as mouras de outro tempo, nessa hora desperta do seu encantamento, para imediatamente recair nele! **(APAGA A QUARTA VELA)** É a hora dos políticos corruptos! **(APAGA A QUINTA VELA)** Dos músicos que não sabem música. Dos atletas mercenários! **(APAGA A SÉXTA VELA)** Dos enganadores. Dos que globalizam em proveito próprio. Hora má...**(APAGA A SÉTIMA VELA E COMENTA A VIVA VOZ NO ESCURO TOTAL)**

T- A meia noite, todos os imortais são pardos!